

Revista e Intelectuais Católicos: uma análise histórica do grupo *Permanência* em anos ditatoriais (1968-1974)

Glauco Costa de Souza

Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), bolsista da FAPESP.

Resumo: Por meio dos atuais debates na historiografia sobre as possibilidades de estudo sobre os intelectuais e da utilização de revistas como fontes de pesquisa para o historiador, pretende-se com esse artigo uma análise histórica do grupo católico *Permanência*, criado no Rio de Janeiro em 1968, com o intuito de investigar a sua relação com a sociedade brasileira em anos marcados pela política autoritária do regime militar brasileiro no país. Trata-se de uma tentativa de reconstruir o panorama histórico de um passado recente, impresso nos artigos e forjado pelos intelectuais que participavam da veiculação da revista *Permanência*. Portanto, procura-se compreender o grupo *Permanência* em um momento histórico específico, marcado por uma cisão na hierarquia da Igreja católica e pelas relações políticas e ideológicas dos intelectuais da *Permanência* com a política militar da época.

Palavras-Chaves: Intelectuais. Revistas. Igreja Católica e Ditadura Militar.

Abstract: Through the current debates in the historiography on the possibilities for studies of intellectuals and magazines as sources of analysis for the historian, it is intended with this article a historical analysis of the Catholic group *Permanência*, created in Rio de Janeiro in 1968, with In order to investigate its relationship with Brazilian society, in years marked by authoritarian politics of the Brazilian military regime in the country. It is, therefore, an attempt to reconstruct the historical background of the recent past, printed articles and forged by intellectuals who participated in the placement of the magazine *Permanência*. Therefore, we seek to understand the speech of this group in a specific historical moment, marked by a strong division in the hierarchy of the Catholic Church and the political and ideological intellectuals of the *Permanência* with the military policy of the time.

Key-Words: Intellectuals. Magazines. Catholic Church and the Military Dictatorship.

Introdução

Pretende-se com este trabalho analisar o grupo vinculado à revista *Permanência*, cujos intelectuais, em sua maioria, eram compostos por pessoas ligadas aos setores da extrema direita católica. Para tanto, utiliza-se como ferramenta teórico-metodológico as vertentes historiográficas da *História dos Intelectuais* e sobre a utilização de revistas como fonte histórica, no intuito de identificar os conflitos teológicos e políticos que marcaram a história da Igreja católica no Brasil durante os anos de 1968 a 1974, conhecido na história brasileira como “anos de chumbo”, devido o governo autoritário do presidente Garrastazu Médici e pela implementação do Ato Institucional nº 5.

Portanto, é dessa cisão interna que se pretende compreender esse período histórico, utilizando-se dos conceitos de *representação*, de *intelectuais* e do manejo com fontes periódicas, provenientes da atual historiografia francesa.

Contextualização Histórica

A revista *Permanência*, publicada pela primeira vez em outubro de 1968, foi editada por um grupo conservador da Igreja católica brasileira durante o regime militar. Esse grupo pertencia a um movimento católico que teve origem na França do século XIX, conhecido como integrismo. Tal movimento teve como principal característica combater o pensamento moderno que se infiltrava na Igreja, lema defendido pelo grupo *Permanência* contra os grupos modernos que surgiram na instituição religiosa.

Dessa forma, essa cisão, aqui no Brasil, ocorre desde os anos 50, período no qual a Igreja passava por um momento de instabilidade devido às mudanças econômicas e sociais geradas pelo início da guerra fria e pelos processos de urbanização e industrialização da sociedade brasileira, que repercutiram na disputa do controle político no país¹.

Diferentemente dos anos 30, no qual a Igreja era ligada ao Estado pelo modelo da neocristandade², nesse contexto – anos 50 e 60 -, a instituição religiosa perdeu o apoio das classes hegemônicas e assumiu a liderança no campo social. Desse modo, vê-se nas principais capitais do Brasil, “nas universidades e nas escolas secundárias, os movimentos católicos assumirem a liderança para estimular e encorajar os estudantes a participar da transformação da sociedade”³.

Nesse contexto, é reconhecido que tanto a sociedade brasileira quanto a Igreja passaram por grandes transformações. Assim, a instituição religiosa passou a criticar as desigualdades sociais geradas pelo avanço do capitalismo no país e mudou sua estratégia de influência ao atingir as camadas populares⁴.

Diante disso, muitas organizações católicas, principalmente do laicato, mudaram sua orientação política e aliaram-se aos movimentos de esquerda. Como exemplo desse processo tem-se a atuação da *Ação Católica Brasileira*, criada em 1932. Entre os anos de 1948 a 1950, ela passou a se organizar aos moldes sociais franceses, com o aparecimento de grupos especializados como a JUC⁵, JOC⁶ e outros.

No início, sua finalidade era de oferecer ao laicato uma nova visão de Igreja, impulsionando a pastoral e a evangelização. Contudo, nos anos 60, ela se distanciou radicalmente das orientações oficiais da Igreja católica, modificando, em 1962, sua denominação para *Ação Popular*, “un movimiento político no confesional que desea asumir en plenitud el compromiso de los cristianos en el mundo”⁷, cujas alianças se davam com as Ligas Camponesas e com a UNE⁸.

Entretanto, com a deposição do presidente João Goulart, ocasionado pelo golpe de Estado de 1964, a tentativa de se implantar um catolicismo de cunho social é minada pela política repressiva do Estado. Como exemplo, percebe-se a rapidez com que o episcopado retorna ao seu discurso conservador e retoma suas posições:

Dom Helder Câmara es substituido como secretario general Del episcopado por Dom José Gonçalves, el bispo auxiliar do Rio de Janeiro, hombre de confianza Del cardenal Dom Jaime Câmara; por su parte, Dom Agnelo Rossi, nuevo arzobispo de São Paulo y conservador declarado, accede a la presidencia de la CNBB⁹.

Em contraponto ao apoio da ala conservadora da Igreja em relação à ditadura militar, surge nos países latinoamericanos a Teologia da Libertação¹⁰, que tem como principal representante Leonardo Boff¹¹, no Brasil, e o teólogo peruano Gustavo Gutierrez¹². Assim, a Teologia da Libertação, com a criação das Comunidades Eclesiais de Base – Cebes, os militantes pastorais da Igreja no Brasil forneceram todo o alicerce para que fossem construídas unidades de base dos novos movimentos sociais e políticos que antecederam a abertura do regime militar em 1984. A partir disso, algumas questões são elencadas na investigação, principalmente, no que diz respeito sobre a influência da teologia

da libertação e da esquerda católica na sociedade brasileira. Michael Löwy¹³ aponta cinco razões:

Primeira: devido ao reduzido número de clérigos no Brasil, a Igreja sempre dependeu de leigos em suas atividades. Segunda: por causa da influência católica francesa nas organizações cristãs, laicas e leigas. Terceira: pelo fato de que, durante a ditadura militar, o regime acabou por transformar a Igreja em último refúgio de oposição. Quarta: por causa do desenvolvimento capitalista, que ocorreu com maior rapidez no Brasil, a partir dos anos 50, o qual trouxe urbanização e industrialização. Por último: pelo fato de que os padres e os teólogos radicais de esquerda não se distanciaram das posições hierárquicas da Igreja.

Entretanto, além de ser específica do próprio contexto histórico brasileiro, essa mudança na estrutura hierárquica do catolicismo seguiu as orientações dadas pela Santa Sé Católica. Sob o pontificado de João XXIII, teve início o Concílio Vaticano II (1962-1965). Tal evento se caracterizou pelo diálogo da Igreja católica com as questões da modernidade e com métodos de análise das ciências sociais.

Dessa forma, percebe-se que, a partir da década de 50, a Igreja católica passou a fazer uso da sociologia para entender a crise institucional pela qual passava devido ao crescimento de outras religiões advindas do processo de urbanização e industrialização no Brasil. Assim,

[...] os resultados desta aproximação são reconhecidos, em escala mundial, pelo impacto do Vaticano II e das Conferências dos Bispos Latinoamericanos em Medellín (1968) e Puebla (1979), ambos fortemente informados pelos resultados das ciências sociais¹⁴

Nota-se aí a importância dos anos 50 para a formação do Concílio e das Conferências, bem como para a promoção do engajamento político da Igreja frente às ditaduras militares implantadas em diversos países da América Latina¹⁵. Na coleção organizada pelo Pe. José Oscar Beozzo¹⁶ (1993), esses eventos da Igreja católica, contribuíram para uma transformação radical da instituição religiosa, que passou a utilizar de métodos hermenêuticos para processar o *aggiornamento*¹⁷ católico em âmbito mundial.

Desse modo, surge em âmbito nacional o progressismo católico, engajado no campo social e político, tendo apoio de um laicato participativo. Inicia-se aí uma nova

aliança entre os setores da hierarquia católica e as organizações populares no campo e na cidade. Como descreve Beozzo¹⁸ :

Isto valeu aos setores da Igreja, comprometidos com os setores populares, a repressão dos governos militares e uma inédita experiência histórica de apoio e laços recíprocos com operários, intelectuais, camponeses, no processo de resistência a ditadura militar e de redemocratização da sociedade brasileira.

Reis Filho¹⁹ acrescenta no sentido identificar que, nesse contexto, a instituição religiosa passou por um processo de “*atualização*”, a partir do Concílio Vaticano II e das encíclicas papais de João XXIII e de Paulo VI²⁰. Mas, com o Golpe de 1964, agravou-se o conflito interno da Igreja. Assim, a ala conservadora passou a apoiar os militares e a ala progressista tomou distância desse regime. Com isso, o autor aponta o motivo pelo qual essa última ala se afastou do governo:

Os religiosos denunciariam à miséria do povo, a injustiça social, a doutrina de segurança nacional que se transmudava em insegurança para a grande maioria. E, reclamariam reformas – em primeiro lugar, a reforma agrária, compromisso assumido e esquecido pelos que lideravam a intervenção militar. Denunciariam também a ausência de direitos humanos, celebrados nos discursos e desrespeitado na prática.

Assim, com o surgimento desses eventos, o grupo conservador *Permanência* passou a refletir e a se posicionar contra essas transformações em âmbitos estruturais que ocorreram entre as décadas de 1960 e 1970 na Igreja católica no Brasil. Cabe, após a contextualização desse momento histórico, a apresentação do grupo e de seus intelectuais.

Grupo Permanência

O grupo *Permanência* teve sua primeira reunião em outubro de 1968, mês em que lançou sua revista nos meios de comunicação da época. Segundo Antoine²¹, seus artigos se caracterizavam por críticas de cunho teológico²² e filosófico²³ aos setores progressistas da Igreja e pelo apoio a alguns episódios da ditadura militar²⁴.

Desse modo, ao combaterem os progressistas católicos por meio do ataque ao comunismo e ao modernismo, torna-se possível a análise do conflito interno na instituição e do contexto histórico daquele momento, marcado por intensas transformações na sociedade brasileira.

Para pensar o fenômeno religioso, partindo da perspectiva de análise de um grupo de intelectuais católicos acerca da sua compreensão simbólica da realidade brasileira, as contribuições da *História Nova* e da *História Cultural* são imprescindíveis para a realização desse trabalho. Dessa maneira, a vertente historiográfica francesa, denominada *história religiosa*²⁵, encontra-se em um momento de discussão teórica em relação às suas ferramentas de análise. De maneira sintética, o sagrado passa a ser abordado pelos historiadores franceses como *história cultural do sagrado*:

Os traços dessa análise sobre o acoplamento da religião com a cultura pressupõem o mundo social e indicam que não é importante o rompimento com a epistemologia da “história religiosa” dos anos anteriores, e sim realizar um desdobramento dela²⁶.

Nesse sentido, as contribuições historiográficas da corrente francesa conferem ao pesquisador da religião um amplo leque de possibilidades teóricas e conceituais. Deseja-se, com isso, refletir sobre o conceito de *intelectuais*, por se estudar uma revista católica, publicada por um grupo de pessoas que se reuniam constantemente para debaterem, sentirem e imaginarem uma situação histórica vivida pela Igreja católica, diante da modernidade e da ameaça comunista dentro da própria instituição.

A liderança intelectual do grupo concentrava-se na figura do católico leigo Gustavo Corção²⁷. Entretanto, quem liderou juridicamente o grupo foi Júlio Fleichman, até o ano de seu falecimento²⁸. Segundo Chorão, em artigo da própria revista, Corção se destacava por seu catolicismo intransigente e por seu pessimismo diante da interferência do mundo moderno nos assuntos da Igreja. Dessa maneira, ao combater a mentalidade pós-conciliar e a infiltração comunista no país, Corção se confundia com a própria revista, “pois não é possível medir a influência de Corção no grupo Permanência, que se concentra em torno de suas ideias”²⁹.

Além dos inúmeros artigos escritos por Corção, a revista contava com a participação de vários religiosos beneditinos do Rio de Janeiro e de intelectuais leigos, como Alfredo Lage, Gerardo Dantas, Nuno Veloso e outros. Como o pensamento de

Corção era influenciado pela corrente integrista francesa de Jean Ousset³⁰ e da revista *Permanences*, os artigos escritos pelos seus membros receberam forte influência das ideias católicas vindas da França nesse período.

Para se compreender melhor o integrismo, Pierucci³¹ observa que tal corrente se desenvolveu no mundo católico a partir da crise modernista, “na qual fez que aparecesse um catolicismo moderno, ‘junção da razão com a fé’, e um catolicismo integral ou intransigente, ‘totalmente tradicional e hierárquico’”.

Assim, surge no final do século XIX a corrente integrista, que tinha por objetivo combater o pensamento moderno que se difundia na Europa, na qual acolheu os grupos tradicionalistas, ultraconservadores, ultra-ortodoxos e antimodernos da Igreja católica, com o intuito de combater a ofensiva *ad intra*, ou seja, perseguir os pensadores católicos progressistas. O vocábulo integrista apareceu na França em 1910, na querela entre católicos intransigentes e modernistas, e possui as seguintes características:

- 1) a autoridade sacra para a qual se pretende inerrância literal é o texto papal (melhor dizendo, certos textos de papas), não a Sagrada Escritura; 2) a motivação do zelo militante é a defesa de valores religiosos ameaçados de decomposição pelos efeitos da modernidade; 3) a modernidade, por conseguinte, é pensada como síndrome antagônica à tradição que se quer preservar; 4) numa sociedade condenada a se desagregar pelos próprios erros, o único e legítimo portador da boa ordem sociopolítica a restaurar é a Igreja hierárquica, o alto clero; 5) para a restauração de uma sociedade integralmente cristã, ou seja, confessional em seu conjunto, é indispensável a manipulação ou o exercício do poder político³².

Em relação ao desenvolvimento da corrente integrista no Brasil, o primeiro representante do catolicismo integral foi Jackson de Figueiredo, que criou nas décadas de 1920 o *Centro D. Vital* e a revista *A Ordem*. Tal grupo se caracterizou por sua posição contrarrevolucionária, “em defesa da ordem cristã na sociedade e sua intransigência ao pensamento moderno em favor da teologia católica”.³³

Entretanto, logo após a segunda guerra mundial, surgem as primeiras fissuras no catolicismo brasileiro. De um lado, têm-se grupos preocupados com a problemática social, o que os levou a uma tendência política de esquerda; de outro, grupos preocupados em manter a “civilização ocidental cristã” e combater o “comunismo ateu” e discutir a problemática religiosa da modernidade³⁴.

Com o Golpe de 1964, se acentuou a cisão entre os católicos. Dessa forma, observa-se a formação de vários grupos conservadores que serviram de apoio ao regime instalado. Entre os mais significativos se destacaram os grupos *Hora Presente*, *Permanência* e a *TFP*³⁵, com sua revista *Catolicismo*, sob a liderança de Plínio Corrêa de Oliveira. Tais grupos se caracterizaram por retomarem a problemática integrista: combater o pensamento moderno e a infiltração comunista na sociedade brasileira por meio da defesa dos valores cristãos da Igreja católica romana.

Partindo dessas constatações, a *história intelectual*, ou dos *intelectuais*, torna-se pertinente para a realização dessa análise. Como afirma Lagrée³⁶, a *história religiosa* na contemporaneidade requisita novos objetos e novas abordagens que correspondem a solicitações vindas da própria dinâmica religiosa da sociedade ou de outros campos historiográficos.

Sendo assim, percebe-se na sociedade brasileira daquele período a influência de várias instituições religiosas e de várias crenças no corpo social do país, passando por um processo de “rearranjo do campo religioso” (MONTES, 1994, p. 69). Com o fim da 2ª guerra mundial e com a vinda de imigrantes, absorvidos em massa pelo processo de urbanização e industrialização dos anos 50, o catolicismo passou a disputar o espaço político e social com outras religiões, como o protestantismo (e suas variações) e as religiões afrobrasileiras.

Pensando nessas transformações do campo religioso brasileiro, a *história religiosa* passa a ser inseparável da “*imigração religiosa*”³⁷, ou seja, da interação sucessiva de grupos portadores de uma cultura religiosa diferente do padrão nacional. Com isso, surgem no catolicismo brasileiro vários grupos vinculados à Igreja, comandados e organizados por movimentos de matrizes ideológicas diferentes. Dessa forma, a *história intelectual* é uma das frentes de investigação do fenômeno religioso, pois

[...] libertou-se da antiga “história das ideias”, ao longo de percurso que evoca o da história religiosa recente em relação à antiga história eclesiástica. Contribuiu para aclimatar a história social e cultural dos intelectuais enquanto grupo, com instrumentos de análise apropriados: redes e gerações (LAGRÉE, 1998, p. 382)

De acordo com essa perspectiva, a história dos intelectuais tornou-se um campo autônomo e aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural. Ou seja,

os intelectuais e seus grupos formam um meio polifônico, onde suscitam representações dissonantes da própria realidade, o que permite ao estudioso do fenômeno religioso identificar o discurso produzido pelos intelectuais dentro de um determinado contexto histórico.

Assim, existem três ferramentas de análises essenciais para se empregar o conceito de intelectual: a noção de *itinerário*, que consiste na reconstituição das trajetórias de intelectuais e suas influências no plano político ou cultural; a noção de *geração*, por representar grupos complexos, podendo, ou não, exercer influência ideológica às gerações de intelectuais seguintes; e a noção de *sociabilidade*, como as revistas, que se destacam por serem pontos de encontro de itinerários intelectuais individuais ou coletivos e por representarem forças antagônicas de adesão (laços de amizade, fidelidades e influências) ou exclusão (posições tomadas, debates suscitados e cisões resultantes)³⁸.

Nesse sentido, o grupo *Permanência* selecionou, ordenou, estruturou e narrou uma realidade histórica. Portanto, o conteúdo de seus artigos não pode ser dissociado do contexto de sua publicação e da figura de seus idealizadores. Dessa maneira, os artigos da revista revelam um mundo como representação. Percebe-se uma articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito, as maneiras de como as narrativas contidas em um documento afetam o leitor e o conduzem a uma nova forma ou compreensão de si próprio e do mundo.

Conclui-se, portanto, que o grupo *Permanência* formou um “mundo à parte”, um “pequeno mundo estreito”. Os intelectuais e suas relações de sociabilidade com os seus grupos são “[...] antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço da sociabilidade, e pode ser entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”³⁹.

A Revista Permanência

Em relação às condições técnicas da revista *Permanência* (materialidade, estruturação e conteúdo) é importante que se reflita sobre os cuidados de se pesquisar esse tipo de fonte. Vale lembrar que o periódico em análise foi constituído em um determinado momento histórico e por um grupo de pessoas vinculadas àquela realidade específica.

No campo historiográfico, os periódicos configuram-se como enormes potencialidades de análise. Não se pode abdicar das informações contidas neles, mas deve-se tomar cuidado, pois, sendo uma representação, a revista cria determinadas imagens da realidade que podem ser seletivas, limitadas, fragmentadas e impregnadas de uma maneira de ver o mundo. Por isso, a importância de se historicizar a fonte. Como aponta De Luca⁴⁰,

Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É óbvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos.

Em relação à revista *Permanência*, percebe-se que seu aspecto físico está ligado às condições sociais e econômicas que o próprio grupo enfrentava na época de sua circulação. De acordo com os redatores, em várias notas ao longo da sua edição⁴¹, havia dificuldades financeiras na edição das revistas, sendo que não havia auxílios externos.

Nesse contexto, os grupos conservadores da Igreja não recebiam apoio financeiro de grandes organizações católicas internacionais, como o IDOC⁴². Ao contrário dos grupos progressistas, que possuíam o auxílio dessas organizações, a revista *Permanência* dependia inteiramente de suas atividades para manter seu funcionamento. Na edição de agosto/setembro de 1969, são informados alguns dados sobre a estrutura de seu funcionamento:

- a) Publicamos dez números da revista permanência com 80m páginas, i.e., com o dobro do que anunciamos no primeiro número;
- b) Publicamos o livro “A tempo e Contratempo” de Gustavo Corção; e organizamos o primeiro dos cadernos Permanência, que está no prelo, e que terá como título: “Progresso e Progressismo”;
- c) Publicamos e distribuimos 20.000 exemplares do “Credo do Povo de Deus”;
- d) Montamos na rua Laranjeiras, nº 540, nossa sede, com uma área de 260 metros quadrados, onde ministramos os seguintes cursos e conferências:
 - 1) Curso de religião para leigos, pelo prof^o Gustavo Corção.
 - 2) Curso de Canto gregoriano, por D. João Evangelista Enout O. S. B.;
 - 3) Curso de introdução à tragédia grega, pelo prof^o Luis Hasselmann;

- 4) Curso de cultura Humanística, pelo prof^o Gladstone Chaves de Melo para um grupo de funcionários da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor;
- 5) Curso de religião pelo prof^o Gustavo Corção para o mesmo grupo;
- 6) Conferências: Amor e o Mundo na Lírica de Camões, pelo professor Gustavo Corção; Bogotá e o Congresso Eucarístico, pelo prof^o Gladstone Chaves de Melo; A Universidade em Crise, por Irineu Pana O. S. B; Vida e Obra de Manuel Bandeira, pelo professor Maximiliano de Carvalho e Silva; O simbolismo na Poesia Brasileira, pelo professor Andrade Muricy; A Mensagem de Carlos Laet, pelo professor Pe. Leme Lopes; Ucrânia e sua Cultura, pela professora Wira Selanski; Sexo ainda é tabu, pelo professor artista-pintor Bernard Boots; Claudel e o drama da condição Humana, pela professora Maria Heloisa Nioac; Claudel, Portador do Cristo, por Dom Marcos Barbosa, O. S. B; O papa e as constatações, pelo professor Gustavo Corção; O abandono da boa língua e suas consequências, pelo professor Gladstone Chaves de Melo; O realismo no Romance, pelo professor Alfredo Lage; O Príncipe da sabedoria natural, por Irineu Pena, O.S.B; D. João VI e os primórdios da modernidade brasileira, pelo professor Arthur Cezar Ferreira Reis; Entropia Cultural, pelo professor Gustavo Corção⁴³.

Como observado, o grupo *Permanência* arrecadava recursos financeiros para manter seu funcionamento por meio de algumas atividades, como a realização de cursos ministrados por seus membros e pela venda de livros. Percebe-se, a partir dessas notificações, que os intelectuais da *Permanência* não mediam esforços para manter em circulação a revista, pois, geralmente, arcavam com os custos envolvidos para se valer da palavra impressa como instrumento de apoio ao combate aos grupos católicos progressistas, já que reconheciam o poder eficaz dos meios de comunicação para a promulgação de seus ideais.

Entre outros aspectos, a revista não contava com alguns recursos tecnológicos para imprimir manchetes ou colunas coloridas, tampouco possuía ilustrações. Os artigos eram impressos em letras miúdas, preto e branco, e sua extensão girava em torno de 80 páginas. O periódico não vinculava nenhuma propaganda empresarial e divulgava apenas a venda de seus livros e as palestras ministradas pelo grupo.

Em relação à editora responsável pela impressão dos exemplares da revista, no caso a tradicional Gráfica Editora Laemmert S.A, ela se localizava na Rua Carlos de Carvalho, nº 48, na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente, conhecida por Livraria Universal, foi fundada em 1833 por Eduard Laemmert que, cinco anos mais tarde, juntou-se ao irmão Heinrich

para se tornar também editora. Elogiada e reconhecida pelo imperador D. Pedro II, a Tipografia Universal teve êxito na publicação do *Almanaque Laemmert*⁴⁴.

A livraria Universal fechou suas portas em 1909, logo após o incêndio que lhe destruiu a biblioteca e os arquivos. Em 1910, seus direitos de publicação foram negociados com a Editora Francisco Alves e o almanaque acabou sendo vendido ao português Manuel José da Silva. A tipografia, com o nome de Gráfica Laemmert, continuou funcionando e voltou a editar no final da década de 1960⁴⁵.

Identifica-se, pelas descrições, que a gráfica Laemmert não possuía nenhum vínculo com organizações políticas ou instituições particulares ou públicas. Pelo contrário, mantinha seu funcionamento por meio da tipografia de alguns trabalhos, como a impressão da revista *Permanência*. Entretanto, longe de grande reconhecimento, como um das principais editoras do século XIX e início do XX, encerrou suas atividades na década de 1980.

Quanto à análise dos periódicos, a revista *Permanência* selecionou de alguma forma aquilo que se elegeu digno de se chegar até o seu público. Portanto, é tarefa do historiador pesquisar as motivações que levaram os idealizadores à decisão de dar publicidade a certa notícia, preceitos próprios do recurso metodológico *análise do discurso*. Como afirma De Luca⁴⁶,

Os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou a revista pretende atingir.

Sendo assim, a *análise do discurso* torna-se um recurso interessante para o trabalho do historiador, pois é possível identificar nos artigos a narração do acontecimento e, em seguida, o próprio acontecimento. No caso deste artigo, a revista *Permanência* deve ser analisada de modo a contemplar as diversas influências que norteavam sua publicação, ora ligada à ditadura, ora ligada aos grupos conservadores da Igreja.

Outro conceito interessante para se analisar a revista encontra-se nas proposições trazidas por Chartier⁴⁷. Para o autor, as formas de apreensão do texto são importantes ferramentas para se compreender a difusão dos textos, sua apreensão e sua difusão em determinada sociedade.

Dentro dessa perspectiva, a maneira de se apreender um texto não é a mesma entre diferentes leitores, pois a leitura é uma atividade produtora de sentidos singulares, não manipuláveis ao autor. Nesse sentido, “o leitor é pensado com alguém que compreenderá na leitura o sentido original do texto, noção que o valorizará enquanto sujeito ativo no processo de interiorização das mensagens”⁴⁸. Assim, o sujeito cria sentidos singulares enquanto leitor e não se deve desvinculá-lo de seu contexto sócio-histórico.

No caso da revista *Permanência*, é possível identificar seus leitores. No final de cada revista, encontra-se a seção de comentários, destinado a transcrição de cartas enviadas de diversas partes do mundo elogiando a publicação das revistas e as temáticas levantadas pelo grupo. A maioria dos leitores faz parte de ordens religiosas da Igreja católica ou do laicato. Em todas as seções são impressas cartas de apoio à revista em relação à sua luta contra a infiltração do comunismo e do modernismo na Igreja e na sociedade. Segue aqui a transcrição de uma correspondência do Pe. José Mayer Painne, de São Paulo:

Essa é a revista do momento: intrépida defensora da verdade íntegra; corajosa na declaração de princípios que, propositadamente ou por comodismo, são olvidados, e na declaração clara e nominal de inimigos sorrateiros que se escondem e se disfarçam com teorias e informações ambíguas. Tenho me valido muitas vezes de seus artigos como subsídios para orientar minha paróquia no sentido “vertical” do Céu. Agradeço a Deus ter suscitado em sua Igreja os destemidos militantes de *Permanência* a quem envio minhas saudações cordiais e minha bênção sacerdotal⁴⁹.

Assim, deve-se pensar em uma dinâmica entre leitores e autores, presente no conceito de *invenção criadora no processo de recepção* de Chartier⁵⁰ (1988, p. 136). Nesse processo, o leitor produz sentidos singulares das suas leituras, enquanto que os autores sistematizam ideias que são lidas de formas singulares por seus leitores, correspondendo a anseios e preferências particulares.

No trecho acima fica explícita a utilização das mensagens produzidas pelo grupo como forma de atender aos anseios do Pe. Painne, cuja intenção era orientar seus fiéis sobre o “inimigo” sorrateiro que assolava a Igreja naquele momento. Com isso, os discursos das revistas são reproduzidos, reutilizados e decodificados no sentido de corresponder às angústias vividas por cada fiel.

Em última análise, relacionada às práticas discursivas, pensa-se no conceito de *representação*. Esse conceito evoca a maneira de como grupos de uma determinada sociedade

dão sentido às suas práticas sociais e aos discursos que a permeiam. Assim, as relações sociais que ocorrem em um determinado período histórico, entre diferentes grupos de uma mesma sociedade, “são marcadas pela maneira de como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais”⁵¹, por meio dos diferentes discursos que regem determinada sociedade.

Por se tratar de ideias e doutrinas de um grupo religioso, refletidas nos artigos da revista, tal conceito remete a representações mentais de ideias e mensagens nas quais os homens dão sentido a sua realidade. Com isso,

As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes será externa, elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é. Nesse sentido, produzem as brechas que rompem às sociedades e as incorporam nos indivíduos⁵².

Dessa forma, não se deve pensar somente no caráter específico de cada leitor. Acredita-se que a abordagem proposta por Chartier torna-se essencial para que se evite uma análise ingênua sobre a vivência ou sobre o pensamento do grupo *Permanência*.

Conclusão

Procurou-se neste artigo relacionar o estudo do grupo *Permanência* por meio das análises dos intelectuais que compunham o grupo e da produção de sua revista. No contexto de criação do grupo e do periódico, a sociedade brasileira passava por um momento conturbado de sua história. A política repressiva da polícia militar passou a perseguir o comunismo em todo território brasileiro, seguindo a lógica imperialista norte-americana e a ideologia da guerra fria.

No país, a Igreja católica brasileira enfrentava uma crise que abalou sua estrutura hierárquica. A partir da década de 1950, em todo continente americano, alguns setores da Igreja passaram a acolher novas camadas populacionais que migraram do campo para os centros urbanos do continente, o que modificou o pensamento de muitos setores da instituição.

Por meio do debate com as ciências humanas, surge o movimento progressista católico preocupado em atender essa nova realidade social com a utilização de métodos

científicos que preocuparam os setores conservadores da Igreja, pois questionavam pontos fundamentais da doutrina católica romana.

Assim, em toda a sua trajetória, a Igreja Católica passou por diversas crises internas. Mas, como em toda instituição, formada e organizada por diversos grupos e ordens religiosas, ocorreram sempre conflitos de grupos que correspondiam às situações lançadas pela dinâmica social e cultural de um determinado momento histórico.

Portanto, ao utilizar conceitos metodológicos e teóricos da historiografia francesa, como *intelectuais, representação, apropriação de texto e de revista*, procurou-se enquadrar o grupo *Permanência* dentro do seu foco social e histórico. Além disso, desejou-se delinear uma “paisagem ideológica” na qual o grupo *Permanência* e sua revista fossem localizados. Como mostra Sirinelli⁵³, “[...] mais que a direção da paisagem ideológica, é a uma observação da localização dos intelectuais – e eventualmente de seus deslocamentos – no interior dessa paisagem que o historiador deve particularmente se dedicar”.

Em conclusão, o estudo do grupo *Permanência* e do seu periódico pode ser abordado em uma perspectiva mais ampla, ao se pensar sobre sua influência na sociedade brasileira, como um sistema religioso em plena interface com os sistemas culturais de uma determinada sociedade histórica. Assim, utilizando instrumentos como os que acabaram de ser evocados, o estudo desse grupo pode se revelar bastante precioso para a compreensão da história política e religiosa do Brasil contemporâneo.

¹ BRUNEAU, Thomas. C. *Religião e Politização no Brasil: A Igreja e o regime Autoritário*. São Paulo: ed. Loyola, 1979.

² Para Simões (2006, p. 3), a neocristandade foi projeto restaurador da Igreja católica no início do século devido à crescente laicização dos valores e pelo avanço de outros cultos religiosos, como o protestantismo e o espiritismo. A resposta da Igreja se deu mediante a proposta de instaurar uma Neocristandade, “uma ordem econômica, social e política sob a direção dos princípios cristãos definidos pela Igreja”, visando reconduzir a sociedade aos valores morais e culturais do cristianismo católico e estabelecer o “Reino Social de Jesus Cristo” – ideal que orientou o pontificado de Pio XI (1922-1939) e que, em terras brasileiras, teve como principal articulador o cardeal Dom Sebastião Leme (1930-1942).

³ BRUNEAU, Thomas. C. *Religião e Politização no Brasil: A Igreja e o regime Autoritário*. São Paulo: ed. Loyola, 1979. p.68

⁴ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira *Et alii*. A Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano*. 5ªed. São Paulo: Difel, 1984, p. 345-380. (História Geral da Civilização Portuguesa, Tomo II, Economia e Cultura – 1930-1964)

⁵ Juventude Universitária Católica.

⁶ Juventude Operária Católica.

⁷ MARIN, Richard. *Dios contra César o las metamorfosis Del catolicismo brasileño bajo El régimen militar (1964-1985)*. Trad: Ricardo Arias; In: *História Crítica*, Bogotá, julho/2002. p. 42

⁸ União Nacional dos Estudantes.

⁹ MARIN, Richard. *Dios contra César o las metamorfosis Del catolicismo brasileño bajo El régimen militar (1964-1985)*. Trad: Ricardo Arias; In: *História Crítica*, Bogotá, julho/2002. p. 43

¹⁰ Segundo Marin, sobre a Teologia da Libertação, “de la modernidad retoma varios elementos: la democracia política, incluso la revolución, el reconocimiento del lugar central que debe ocupar la mujer en la sociedad; El recurso al marxismo como instrumento de análisis de la realidad; y, finalmente, la apuesta por una liberación humana en la historia, como anticipación del Reino”.

¹¹ Leonardo Boff nasceu em Concórdia, Santa Catarina, aos 14 de dezembro de 1938. cursou Filosofia em Curitiba-PR e Teologia em Petrópolis-RJ. Doutou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique-Alemanha, em 1970. Ingressou na Ordem dos Frades Menores, franciscanos, em 1959. Esteve presente nos inícios da reflexão que procura articular o discurso indignado frente à miséria e à marginalização com o discurso promissor da fé cristã, gênese da conhecida Teologia da Libertação. Em 1984, em razão de suas teses ligadas à Teologia da Libertação, apresentadas no livro “Igreja: Carisma e Poder”, foi submetido a um processo pela Sagrada Congregação para a Defesa da Fé, ex Santo Ofício, no Vaticano. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções editoriais e de magistério no campo religioso. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, a pena foi suspensa em 1986, podendo retomar algumas de suas atividades. Em 1992, sendo de novo ameaçado com uma segunda punição pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre e se auto-promoveu ao estado leigo.

¹² Gustavo Gutiérrez Merino nasceu em Lima no dia 8 de junho de 1928. É um teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação. Foi ordenado sacerdote em 1959. É considerado por muitos o pioneiro na sistematização da Teologia da Libertação na década de 1970, quando lançou o livro *Teologia da Libertação*. Nos anos 1980 sofreu processo da Cúria Romana, que acusava sua obra de reduzir a fé à política. Em 1998 ingressou como noviço na Ordem dos Pregadores. Foi militante da Ação Católica, o que o motivou a aprofundar os estudos teológicos. Decidido pelo sacerdócio, entrou para o seminário em Santiago do Chile. Estudou Filosofia e Psicologia na Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Seus estudos de Teologia foram efetuados na Universidade Católica de Lyon, França, na Universidade Gregoriana de Roma e no Instituto Católico de Paris, chegando ao grau de doutor.

¹³ LÖWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. Tradução: Myrian Veras Baptista. São Paulo: ed. Cortez e autores associados, 1991. p. 59

¹⁴ ALVES, Rubem A. A volta do sagrado: os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil. In: *Religião e sociedade*, n. 3, out-nov, 1978, p. 124

¹⁵ Segundo Michel Löwy (1991, p. 33), um dos marcos histórico que possibilitou o surgimento da Teologia da Libertação e da realização do Concílio Vaticano II e das Conferências de Medellín e Puebla, foi a revolução Cubana de 1959, pois abre em toda América Latina um novo período histórico, que se caracteriza pelas intensas lutas sociais, os movimentos de guerrilhas e a sucessão de golpes de Estado militares, devido a crise de legitimidade do sistema político no continente. Dessa forma, em países como Argentina, Colômbia, Chile, Peru e Nicarágua, a esquerda católica foi bem participativa na luta contra os regimes militares instalados nesses países.

¹⁶ De acordo com o método de análise proveniente da *História Eclesiástica*, preocupada em analisar a história da própria instituição cristã, deve-se estudar a Igreja orientado por dois sentidos: em direção ao interior, para que se compreenda a totalidade das manifestações da vida cristã, e em direção ao exterior, na tentativa de se estudar a religião e sua inserção em um contexto social, político e cultural (POIRIER, Paul-Hubert. De l’histoire de l’Église em Faculté de théologie. Réflexions sur La nature et l’objet d’une

discipline. In: Laval théologique et philosophique, vol. 47, nº 3, 1991, p. 401-416). Dessa forma, obras escritas e organizadas pelo clero religioso, como no caso da obra organizada pelo Pe. Beozzo, servem de apoio para a realização do trabalho historiográfico.

¹⁷ Segundo Alberigo (BEOZZO, José Oscar. A Igreja no Brasil. In: BEOZZO, José Oscar (org.). História do Concílio Ecumênico Vaticano II. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 19), o *aggiornamento* é um processo estritamente conexo com a pastoralidade. É entendida como reforma, no sentido de indicar um compromisso global de busca de uma renovada inculturação da revelação nas novas culturas. Mostra-se assim, segundo ele, uma resposta a renovação profunda e global na Igreja.

¹⁸ BEOZZO, José Oscar. A Igreja no Brasil. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1993. , p. 75

¹⁹ REIS FILHO, Daniel Aarão (org). *1968: a paixão de uma utopia*. São Paulo: ed. Fundação Getulio Vargas, 1998. p. 21

²⁰ *Mater et Magistra* (1961) e a *Populorum Progressio* (1967).

²¹ ANTOINE, Pe. Charles. *O Integrisimo brasileiro*. Tradução de João Guilherme Linke, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980

²² Encontra-se na revista Permanência artigos que criticam o progressismo católico por abalar as estruturas dos principais dogmas católicos, como a questão do celibato, do catecismo e da infabilidade do Papa. Como exemplos, em sequência, seguem-se os artigos: LAGE, Alfredo. *O que é Desclerificação?* RJ: Permanência, junho de 1969, p. 53-57; RODRIGUES, Pe. Afonso. *Leitura Brasileira do Catecismo Holandês: dê um diário íntimo*. RJ: Permanência, novembro de 1969, p. 38-47; MELO, Gladstone Chaves de. *“Ubi Petrus, ibi Ecclesia”*. RJ: Permanência, novembro de 1968, p. 29-32.

²³ Enquanto aos artigos com teor filosófico, as críticas se dirigiam aos sistemas de pensamentos surgidos, segundo o grupo, com a modernidade. Pela campanha anticomunista, muitos artigos combatiam o marxismo, como: FRANCO, Alexandre. *A Infra-estrutura Ideológica dos Coletivismos: o marxismo puro e o marxismo revisto e adaptado por Lenine*. RJ: Permanência, dezembro de 1969, p. 24-34. Esse artigo teve continuidade por mais três números posteriores.

²⁴ Em relação à ditadura militar, o grupo inseria nas revistas, logo após o término dos artigos principais, notas que tratavam de alguns episódios que relacionavam a Igreja com fatos políticos da época. Têm-se várias notas que tratam da relação de grupos progressistas católicos com a guerrilha brasileira, como no episódio dos padres dominicanos que atuaram com Carlos Mariguela, um dos principais líderes comunista do país no período. Uma das notas é: *Aviso aos Comunistas*. RJ: Permanência, dezembro de 1969, p. 23.

²⁵ De acordo com o professor Eduardo Basto de Albuquerque (ALBUQUERQUE, Eduardo Basto. Da História Religiosa à História Cultural do Sagrado. In: Ciências da Religião – História e Sociedade, vol. 5, nº 5, 2007, p. 34-49.), tal método surge a partir da publicação dos volumes da coleção *História: novos objetos, novas problemáticas, novas abordagens*, publicada na década de 1970. O historiador francês Dominique Julia, nessa coleção, escreve um artigo expondo novas problemáticas para o campo religioso. A vertente se preocupa em estudar o fenômeno religioso por meio de suas interfaces com a sociedade, em um determinado contexto específico.

²⁶ ALBUQUERQUE, Eduardo Basto. Da História Religiosa à História Cultural do Sagrado. In: *Ciências da Religião – História e Sociedade*, vol. 5, nº 5, 2007, p. 34-49.

²⁷ Herdeiro do pensamento conservador católico do centro D. Vital (nos anos 30), transformou-se no maior símbolo do catolicismo integral no Brasil.

- ²⁸ Julio Fleichman, católico leigo, foi o braço direito de Gustavo Corção no grupo Permanência. Após encerrar a publicação da revista nas décadas de 1980, o diretor dirigiu o grupo até seu falecimento, em 2003. Atualmente, o grupo Permanência veicula suas ideias por meio de um site: www.permanecia.org.br.
- ²⁹ CHORÃO, J. Bigotti. *Uma Voz Insubmissa*. RJ: Permanência, março de 1970, p. 75-77.
- ³⁰ Segundo Antoine (1980), Jean Ousset foi o coordenador de “Centre d’Etudes Critiques et de Synthèse”, criado em 1946, e que deu origem em 1949 à revista Verbe – La Cité Catholique. Em julho de 1963, Verbe é substituída pela revista mensal Permanences.
- ³¹ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Fundamentalismo e Integrismo: o nome e as coisas. In: *Revista da USP*, São Paulo, nº13, 1990, pp. 144-156.
- ³² PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Fundamentalismo e Integrismo: o nome e as coisas. In: *Revista da USP*, São Paulo, nº13, 1990, p. 150
- ³³ ANTOINE, Pe. Charles. *O Integrismo brasileiro*. Tradução de João Guilherme Linke, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980. p. 17
- ³⁴ CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Domínios Diferenciados e Reflexos identitários: o pensamento católico “antimoderno” no Brasil. In: *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, nº 04, 2004. p. 7-8
- ³⁵ Tradição, Família e Propriedade, movimento criado por Plínio de Oliveira em 1960.
- ³⁶ LÁGRÉE, Michel. História Religiosa e História Cultural. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma História Cultural*. Tradução: Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998, p. 365-379
- ³⁷ Idem, p. 380
- ³⁸ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRF\FGV. p. 245-246
- ³⁹ Idem, p. 248-249
- ⁴⁰ DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 132
- ⁴¹ Após um ano de publicação, a partir do nº 14, de dezembro de 1969, a revista passa a inserir notas que explicam a importância das assinaturas: “A insistência neste apelo se deve ao fato de tornar-se cada dia mais difícil manter a remessa – como vimos fazendo – para nossos assinantes.” (p. 74)
- ⁴² Os religiosos progressistas que escreveram no DO-C durante o Concílio Vaticano II e também no C.C.C.C (Centro de Coordenação das Comunicações sobre o Concílio), formados por jornalistas progressistas, fundaram o IDO-C em dezembro de 1965. Sua função específica consistia em copilar e distribuir documentação acerca dos efeitos estruturais e teológicos da incessante aplicação dos decretos e do espírito do Concílio Vaticano II. Esta documentação não foi apresentada em nível popular, mas no nível indicado pelos especialistas nas ciências sociais relacionadas com os assuntos da Igreja e com os meios de comunicação social. Em relação ao Centro Internacional de Informação e Documentação relativa à Igreja Conciliar (IDOC), ela possuía organizações espalhadas no mundo todo, inclusive no Brasil.
- ⁴³ Editorial. RJ: Permanência, agosto/setembro de 1969, p. 2-7.

⁴⁴ Como é conhecido, denominado *Almanak administrativo, mercantil, e industrial do Rio de Janeiro* é considerado o primeiro almanaque publicado no Brasil. Editado no Rio de Janeiro, entre 1844 e 1889, pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert.

⁴⁵ HALLWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira, Geraldo Gerson de Souza. 2º Ed. São Paulo: EDUSP, 2005

⁴⁶ DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 140

⁴⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e Representações*. Tradução: Cristina Antunes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

⁴⁸ Idem, p.136

⁴⁹ Seção de Correspondência. RJ: Permanência, abril de 1970, p. 79.

⁵⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e Representações*. Tradução: Cristina Antunes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 136

⁵¹ Idem, p.49

⁵² Idem, p. 51-52

⁵³ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRF\FGV, 1996. p. 257-258

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERIGO, Giuseppe. Critérios Hermenêuticos. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 13-24.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto. Da História Religiosa à História Cultural do Sagrado. In: *Ciências da Religião – História e Sociedade*, vol. 5, nº 5, 2007, p. 34-49.

_____. Distinções no campo de estudos da Religião e da História. In: GUERRIEIRO, Silas (org). *Estudos das Religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: ed. Paulinas, 2003, pp. 57-68.

ALVES, Rubem A. A volta do sagrado: os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil. In: *Religião e sociedade*, n. 3, out-nov, 1978, p. 109-141.

ANTOINE, Pe. Charles. *O Integrismo brasileiro*. Tradução de João Guilherme Linke, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja no Brasil. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 46-77.

BRUNEAU, Thomas. C. *Religião e Politização no Brasil: A Igreja e o regime Autoritário*. São Paulo: ed. Loyola, 1979.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e Representações*. Tradução: Cristina Antunes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. *A História ou a Leitura do Tempo*. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Domínios Diferenciados e Reflexos identitários: o pensamento católico “antimoderno” no Brasil. In: *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, nº 04, 2004, p. 97-111.

CHORÃO, J. Bigotti. *Uma Voz Insubmissa*. RJ: Permanência, março de 1970, p. 75-77

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

HALLWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira, Geraldo Gerson de Souza. 2º Ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

LAGRÉE, Michel. História Religiosa e História Cultural. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma História Cultural*. Tradução: Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998, p. 365-379.

LÖWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. Tradução: Myrian Veras Baptista. São Paulo: ed. Cortez e autores associados, 1991.

MARIN. Richard. Dios contra César o las metamorfosis Del catolicismo brasileño bajo El regimén militar (1964-1985). Trad: Ricardo Arias; In: *História Crítica*, Bogotá, julho/2002, p. 37-48.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira *Et alii*. A Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano*. 5ªed .São Paulo: Difel, 1984, p. 345-380. (História Geral da Civilização Portuguesa, Tomo II, Economia e Cultura – 1930-1964)

_____. Fundamentalismo e Integrismo: o nome e as coisas. In: *Revista da USP*, São Paulo, nº13, 1990, pp. 144-156.

POIRIER, Paul-Hubert. De l'histoire de l'Église em Faculté de théologie. Réflexions sur La nature et l'objet d'une discipline. In: *Laval théologique et philosophique*, vol. 47, nº 3, 1991, p. 401-416.

REIS FILHO, Daniel Aarão (org). *1968: a paixão de uma utopia*. São Paulo: ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

SIMÕES, Daniel Soares. Antiprotetantismo, Neocristandade e Paradigma Tridentino na Obra “O Anjo das Trevas” (1936). In: *Cadernos de História*, Ouro Preto, nº 2, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRF\FGV, 1996, p. 231-269.